

Collor se dá ao luxo de recusar apoio

Coordenador da campanha do PRN explica que o candidato quer ficar distante dos moderados

HÉLIO DOYLE

BRASÍLIA — O candidato Fernando Collor de Mello não quer o apoio do ministro Antônio Carlos Magalhães, nem do governador Newton Cardoso, muito menos do deputado Delfim Netto. “Ele é o único candidato que se dá ao luxo de dizer de quem quer e de quem não quer apoio”, explica o deputado alagoano Renan Calheiros (PRN), o mais ligado a Collor e um dos coordenadores de sua campanha.

Segundo Calheiros, Collor já fez chegar a vários políticos o recado de que não quer a adesão deles — “gentilmente”, observa o deputado. O ministro Antônio Carlos Magalhães em nenhum momento procurou o candidato ou seus assessores, mas seu filho Luís Eduardo, deputado pelo PFL da Bahia, tem dito a parlamentares do grupo de Collor que suas bases estão “collorindo” e ele não tem como impedir.

Embora cauteloso, Calhei-

ros cita alguns políticos de quem Collor não quer apoio e que já foram informados disso: além de Antônio Carlos, Newton e Delfim, o ex-ministro Borges da Silveira, deputado pelo PMDB do Paraná, o ministro Carlos Sant’Anna (ambos do grupo moderado do PMDB) e o senador Jarbas Passarinho, do PDS. “Se aceitarmos o que há de mais atrasado na política, vamos cair numa contradição inadmissível”, justifica Calheiros.

Mas há parlamentares do grupo moderado do PMDB que podem ser aceitos, como o deputado goiano Maguito Vilela. “Estamos examinando cada caso com muito cuidado e não nos interessa ter uma grande bancada (no Congresso). Vamos chegar, com certeza, a mais de 20 e, assim, já teremos garantidos dez minutos por dia na televisão”, adianta Calheiros, que discorda da intenção do deputado Arnaldo Faria de Sá, do PRN de São Paulo, disposto a reunir 60 parlamentares para ter 13 minutos na TV, no horário eleitoral gratuito. “É um custo muito alto por três minutos”, argumenta o deputado alagoano.

EXCEÇÕES NO CENTRÃO

O PRN, segundo Calheiros, tem de ser “um partido caracterizado como de centro-esquer-

da, reformista e com compromissos com os avanços da sociedade”. Os que entrarem no partido devem se encaixar nesse perfil, de preferência ser contra Sarney e não ter participado do Centrão na Constituinte — o Centrão era o grupo mais conservador na Constituinte, liderado por Carlos Sant’Anna, hoje ministro da Educação, e Luiz Roberto Ponte (PMDB-RS), atual líder do governo na Câmara.

Alguns dos parlamentares que já aderiram ao PRN fogem ao perfil traçado por Calheiros, mas ele tem explicação para cada caso. Por exemplo, o senador João Castelo, que deixou o PDS, é “um símbolo contra Sarney no Maranhão”. O deputado Flávio Rocha, que saiu do PL e sempre votou com o Centrão, é uma alternativa de “modernidade” no Rio Grande do Norte, pois se opõe às duas oligarquias do Estado, a dos Alves, comandada pelo ex-ministro Aluizio Alves, do PMDB, e a dos Maia, chefiada pelo senador Lavoisier Maia, que elegeu a prefeita de Natal, Wilma Maia, pelo PDT. E o deputado José Carlos Martinez, que era do PMDB do Paraná e também votava com o Centrão, é, de acordo com Calheiros, “velho amigo pessoal” de Collor.



Collor, na sede do Fluminense, no Rio: “Vou disputar a eleição com Ulysses e Lula”

ANTÔNIO BATALHA/AE